


# PAULO FREIRE – CIDADÃO BRASILEIRO, EDUCADOR DO MUNDO


PAULO FREIRE – BRAZILIAN CITIZEN, WORLD EDUCATOR

PAULO FREIRE – CIUDADANO BRASILEÑO, EDUCADOR DEL MUNDO

Sandra Maders\*

 <https://orcid.org/0000-0001-9600-2884>

Valdo Barcelos\*\*

 <https://orcid.org/0000-0001-7768-1543>

REVISTA PEDAGÓGICA

Revista do Programa de Pós-graduação em Educação da Unochapecó | ISSN 1984-1566

Universidade Comunitária da Região de Chapecó | Chapecó-SC, Brasil

Como referenciar este artigo: MADERS, S.; BARCELOS, V. Paulo Freire – cidadão brasileiro, educador do mundo. Revista Pedagógica, Chapecó, v. 21, p. 378-394, 2019.

DOI: <http://dx.doi.org/10.22196/rp.v22io.4877>

**RESUMO:** Com esse artigo fizemos uma reflexão sobre o legado freireano internacional. Freire conseguiu o que muitos desejaram, mas poucos conseguiram: pensar a educação nas escolas, universidades e movimentos sociais. Freire fez isso com uma qualidade rara: o diálogo entre esses diferentes espaços educativos das gentes de seu país, bem como de vários outros países por onde passou, viveu e trabalhou. Não começamos nossa reflexão sobre o legado internacional de Freire por um país, mas, sim, por aquela que, talvez, tenha sido a obra que mais espaços abriu para suas ideias mundo afora. Referimo-nos ao clássico *Pedagogia do Oprimido* que no Brasil encontra-se na 60ª edição (2016). Pensamos que, sem diminuir a importância do conjunto da obra freireana, *Pedagogia do Oprimido* abriu as portas das universidades, das escolas, bem como os olhos dos(as) educadores(as) do mundo para as ideias desse cidadão brasileiro e latino-americano. Com esse artigo, buscamos trazer um pouco desse percurso. Concluímos que um país que tem na sua história um Paulo Freire não pode desesperançar, frente a ideias despropositadas, por exemplo: “escolas sem partido”.

**Palavras-chave:** Educador do mundo. Legado freireano. Paulo Freire e esperança.

**ABSTRACT:** With this article a reflection is made about the international legacy of Freire. Freire has achieved what many desired, but few conquered: to think about the education at schools, universities and social movements. Freire accomplished that with a rare quality: the dialogue between these different educative spaces of the people from his country, as well as between the many places where he passed through, lived or worked at. This reflection about Freire's international legacy does not start with the thinking of a country, but it starts reflecting on the work that may have been the one to open the most spaces for this idea throughout the world. This

refers to the classic *Pedagogy of the Oppressed*, which in Brazil is currently on its 60<sup>th</sup> edition (2016). We think that, without diminishing the importance of the whole work of Freire, *Pedagogy of the Oppressed* opened the doors of universities and schools, as well as the eyes of the educators of the world to the idea of this Brazilian and Latin-American citizen. With this article we intend to bring a little piece of this course. We reckon that a country that has Paulo Freire in its history cannot be led to desperation facing unreasonable ideas, such as the “non party schools”.

**Keywords:** World educator. Freire's legacy. Paulo Freire and hope.

**RESUMEN:** Con este artículo hicimos una reflexión sobre el legado freireano internacional. Freire consiguió lo que muchos deseaban, pero pocos lograron: pensar la educación en las escuelas, universidades y movimientos sociales. Freire lo hizo con una calidad rara: el diálogo entre estos diferentes espacios educativos de las gentes de su país, así como de varios otros países por donde pasó, vivió y trabajó. No comenzamos nuestra reflexión sobre el legado internacional de Freire por un país, sino por la que tal vez haya sido la obra que más espacios abrió para sus ideas mundo afuera. Nos referimos al clásico *Pedagogía del Oprimido* que en Brasil se encuentra en la 60ª edición (2016). En el caso de las mujeres, la mayoría de las veces, la mayoría de las veces, la mayoría de las veces, la mayoría de las veces. Con este artículo buscamos traer un poco de ese recorrido. Concluimos que un país que tiene en su historia un Paulo Freire no puede desesperar, frente a ideas desproporcionadas como, por ejemplo: “escuelas sin partido”.

**Palabras clave:** Educador del mundo. Legado freireano. Paulo Freire y esperanza.

## 1 Introdução

Quem inaugura o ódio, não são os odiados, mas os que primeiro odiaram. Quem inaugura a tirania, não são os tiranizados, mas os tiranos (FREIRE, 2016, p. 81).

Com esse artigo, propomo-nos a fazer uma reflexão sobre o legado de Paulo Freire, com ênfase em sua trajetória de educador internacional. Para tanto, não nos deteremos em um país em particular. Certamente que não faremos um inventário completo de suas intervenções pelo mundo, já que foram muitas. Essa seria uma tarefa pretensiosa demais. Dedicar-nos-emos a algumas passagens de Freire por alguns países que julgamos representativas de sua trajetória de educador, a qual deixou marcas profundas por onde passou. Como muito bem ressaltam os proponentes desse Dossiê intitulado: *Recepção do pensamento de Paulo Freire fora do contexto brasileiro*, Freire foi, e continua sendo, uma referência, nacional e internacional, nas ciências humanas em geral e, particularmente, na educação.

O educador Paulo Freire conseguiu o que muitos desejaram, mas que poucos conseguiram: ser um educador que pensou a educação nas escolas, nas universidades e nos movimentos sociais. Freire fez isso com outra qualidade rara e, por isso, fundamental: buscou o diálogo entre esses diferentes espaços educativos das gentes de seu país, bem como de vários outros países por onde passou, viveu e trabalhou. Freire nunca cansava de perguntar e se perguntar: a educação do Brasil está “servindo” aos brasileiros e às brasileiras? De outra forma, e por diversos motivos, Freire levou essas suas preocupações com a educação em seu país como uma contribuição para a educação em vários outros países nos cinco continentes por onde passou. Esse verdadeiro nomadismo de Freire teve motivos que foram desde o exílio pós-golpe militar de 1964, até convites para atuar como conferencista, para ministrar cursos para professores e professoras, organizar projetos educacionais ou atuar como Professor Visitante em grandes universidades.

Tal trajetória intelectual e de educador, envolvido com o seu tempo, fizeram dele um pensador clássico na melhor acepção dessa palavra. Qual seja: alguém que viveu e produziu uma obra que, mesmo passadas várias décadas, continua influenciando o pensamento e as ações de diferentes gerações e, o que é ainda mais fundamental, em diferentes culturas. Não por mero acaso o grande pensador brasileiro e profundo conhecedor de Paulo Freire e sua obra, o educador Ernani Maria Fiori (1914-1985), inicia o Prefácio de *Pedagogia do Oprimido* afirmando: “PAULO FREIRE É UM PENSADOR comprometido com a vida: não pensa ideias, pensa a existência” (FIORI, 2016, p. 34, grifo do autor). Freire se constituiu como um pensador que, ao mesmo tempo em que viveu intensamente o tempo presente, não descuidou de atualizar o que já foi. Ao mesmo

\* Professora Adjunta Universidade Federal do Pampa/UNIPAMPA/RS. Doutora e Mestre em Educação. Pedagoga.  
E-mail: sandramaders@unipampa.edu.br

\*\* Professor Titular Universidade Federal de Santa Maria/UFSM/RS. Pesquisador Produtividade 1CNPq. Doutor e Mestre em Educação.  
E-mail: vbarcelos@terra.com.br

tempo em que se dedicou com generosidade e radicalidade à educação das gentes de seu país não descuidou da situação dos excluídos(as) e silenciados(as) de todo o mundo. Em *Pedagogia do Oprimido* Freire falou a partir de 1968, mas continua contemporâneo naquilo que é sua maior substância: a busca de uma educação libertadora, progressista e que busque sempre a conscientização de homens e de mulheres no tempo e no lugar em que vivem suas existências. Ao se manifestar sobre essa sua obra – *Pedagogia do Oprimido* – Freire a ela se refere como um livro que não diz do que foi, mas, sim, um livro que *está sendo* (FREIRE, 2016).

O cidadão brasileiro Paulo Reglus Neves Freire (1921-1997) é o que se pode chamar de um cidadão que adquiriu reconhecimento para muito além das fronteiras geográficas de seu país de origem: o Brasil. E não foi um reconhecimento qualquer. Paulo Freire, por onde passou, amezalhou amizades, admiração, respeito e, fundamentalmente, deixou um legado de amorosidade e de defesa ao direito à educação, especialmente, dos excluídos da história. Soube ser amoroso, generoso e muito franco, sem nunca abrir mão de suas origens de latino-americano e de brasileiro. Orgulhava-se, mansamente, disso. Ao mesmo tempo em que não abria mão dos saberes e da cultura de seus conterrâneos brasileiros e latino-americanos, fazia-se sempre atento com o que poderia aprender com seus parceiros e com as gentes populares de outras terras. E foram muitas terras visitadas, muitas gentes conhecidas, muitas experiências levadas e outras tantas trazidas para o Brasil.

De seu legado pelo mundo afora lhe retornaram muitos títulos, honrarias e homenagens. Paulo Freire recebeu o título de Doutor *Honoris Causa* nas maiores e mais prestigiadas universidades do mundo. Foram nada mais nada menos que 27 Títulos de Doutor *Honoris Causa*. Paulo Freire ganhou ainda prêmios como: Educação para a Paz (das Nações Unidas, 1986) e Educador dos Continentes (da Organização dos Estados Americanos, 1992). Pensamos que não se faz nenhum exagero em reconhecê-lo como um cidadão brasileiro e um educador do mundo como mencionamos no título desse artigo. Freire fazia de sua prática de educador uma permanente relação dialógica com aqueles e com aquelas que à sua volta estavam. Freire era um sujeito bem-humorado, um exímio contador de histórias e como ele mesmo gostava de se autodefinir: era um sujeito “manso”.

Freire foi uma dessas pessoas raras. Foi um intelectual no sentido mais poderoso e generoso dessa expressão: aquela pessoa que busca refletir para entender o mundo e o tempo em que vive. Freire não se importava nem mesmo quando uns tantos faziam pouco ou o taxavam de ingênuo ao propor sonhos, ao defender utopias. Talvez algo que ajudava a deixar seus críticos ainda mais desconcertados fosse a forma como ele defendia e oferecia suas alternativas a quem lhe quisesse escutar. Ao mesmo tempo em que fazia isso com muita firmeza, nunca descuidava da ternura, da delicadeza, enfim, da amorosidade. Ternura, delicadeza,

amorosidade que ficaram impregnadas em uma expressão muito usada por ele: a boniteza. Boniteza do viver, boniteza do educar, boniteza de educar-se, boniteza que fazia questão de dizer que via nas gentes de seu país, das gentes do continente latino-americano, enfim, das gentes de todos os continentes por onde passou, viveu, trabalhou. Boniteza das gentes que amou e que lhe retribuíram, também, muito amor.

## 2 Uma palavra de apresentação...

### *Poema para Nita – 1º julho de 1987*

Se ninguém te ama/Ninguém me ama/  
Também /Somos dois corações solitários/À  
procura de alguém/Procurando um sincero  
carinho/Como eu não achei/Um amor de  
verdade/Por isso vivo sozinho/Os meus dias  
são tão tristes, vazios/São tristes os meus  
dias/Suas noites são noites de solidão/São  
noites tão frias/Podemos tentar na verdade/  
Transformar em amor/Nossa pia amizade!  
(FREIRE, 2013, p. 219)<sup>1</sup>.

Esse cidadão que acabou, merecidamente, reconhecido como um dos maiores educadores brasileiros e como um dos educadores mais citados e referenciados do mundo, Paulo Reglus Neves Freire (1921-1997), é natural da cidade nordestina de Recife. Nasceu no dia 19 de setembro do ano de 1921. Filho de Joaquim Temístocles Freire, capitão da Polícia Militar do Estado de Pernambuco. Sua mãe chamava-se Edeltrudes Neves Freire, carinhosamente, chamada de Tudinha. Paulo Freire teve uma infância dita “comum” para qualquer menino de família pobre de um estado do nordeste brasileiro. Teve uma irmã de nome Stela que foi professora primária e mais dois irmãos homens: Armando e Temístocles.

Freire sempre fazia questão de demonstrar imensa gratidão aos seus irmãos homens que, em função das condições econômicas precárias da família, não concluíram seus estudos básicos para começar muito cedo a trabalhar. Conta que foram estes irmãos que proporcionaram a ele a possibilidade de estudar e formar-se na Universidade. Freire casou-se duas vezes. A primeira esposa chamava-se *Elza Freire* (1944-1986) com quem teve cinco filhos. A segunda esposa foi Ana Maria Araújo (Nita Freire). Freire formou-se em Direito pela Universidade Federal do Recife (UFR) no ano de 1943. Contudo, abandonou a carreira de advogado muito cedo por sentir que essa profissão não lhe traria felicidade. Percebeu, após sua primeira causa defendida como advogado, a existência de uma enorme distância, um verdadeiro fosso, entre aquilo que entendia e tinha aprendido na faculdade como Justiça e o exercício real do Direito.

<sup>1</sup> Acervo de Nita Freire, publicado em “Nita Freire e Paulo Freire – Nós dois” .

Precisava trabalhar e começou, então, a carreira de professor no Ensino Médio, ensinando Língua Portuguesa. No ano de 1946, Paulo Freire foi convidado, pelo governo do Estado para o cargo de diretor do Departamento de Educação e Cultura do Serviço Social no Estado de Pernambuco. Foi a partir deste cargo que Freire dedicou-se, intensamente, ao trabalho com a alfabetização de jovens e adultos. Dedicou especial atenção ao trabalho com os mais pobres. Costumava contar que nunca imaginava a importância e a repercussão que essa decisão acabaria tendo em sua vida, em toda sua existência a partir daquele momento. Décadas depois, em *Pedagogia do Oprimido*, Freire retoma em vários momentos, seu radical comprometimento com as classes populares. Para ele:

Não haveria oprimidos, se não houvesse uma relação de violência que os conforma como violentados numa situação objetiva de opressão[...]. Inauguram a violência os que oprimem, os que exploram, os que não se reconhecem nos outros; não os oprimidos, os explorados, os que não são reconhecidos pelos que os oprimem como outro. (FREIRE, 2016, p. 181).

Uma das consequências imediatas dessa decisão, de se dedicar à alfabetização de adultos em situação de exploração, foi a construção de uma proposta revolucionária de alfabetização de adultos pobres, em grande parte camponeses do interior do nordeste brasileiro. Com sua proposta ou “método” de alfabetização, foi capaz de alfabetizar 300 adultos cortadores e cortadoras de cana-de-açúcar em um curto período de 45 dias. O educador Paulo Freire acabou tornando-se uma referência e uma inspiração para muitas gerações de professores(as), no Brasil, na América Latina e no continente africano. Seu trabalho foi reconhecido nos cinco continentes.

Paulo Freire recebeu o título de Doutor *Honoris Causa* nas maiores e mais prestigiadas universidades do mundo. Foram 27 Títulos de Doutor *Honoris Causa*: Universidade Aberta de Londres, Inglaterra, em junho de 1973; Universidade Católica de Louvain, Bélgica, em fevereiro de 1975; Universidade de Michigan – Ann Arbor, USA, em 29 de abril de 1978; Universidade de Genebra, Suíça, em 06 de junho de 1979; New Hampshire College, USA, em 29 de julho de 1986; Universidade de San Simon, Cochabamba, Bolívia, em 29 de março de 1987; Universidade de Santa Maria, Brasil, em 08 de maio de 1987; Universidade de Barcelona, Espanha, em 02 de fevereiro de 1988; Universidade Estadual de Campinas, Brasil, em 27 de abril de 1988; Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Brasil, em 27 de setembro de 1988; Universidade Federal de Goiás, Brasil, em 11 de novembro de 1988; Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil, em 23 de novembro de

1988; Universidade de Bolonha, Itália, em 23 de janeiro de 1989; Universidade de Claremont, USA, em 13 de maio de 1989; Instituto Piaget, Portugal, em 11 de novembro de 1989; Universidade de Massachussetts, Amherst, USA, 26 de maio de 1990; Universidade Federal do Pará, Brasil, em 15 de novembro de 1991; Universidade Complutense de Madri, Espanha, em 16 de dezembro de 1991; Universidade de Mons-Hainaut, Bélgica, em 20 de março de 1992; Wheelock College, Boston, USA, em 15 de maio de 1992; Universidade de El Salvador, El Salvador, em 03 de julho de 1992; Fielding Institute, Santa Barbara, USA, em 06 de fevereiro de 1993; Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil, em 30 de abril de 1993; University of Illinois, Chicago, USA, em 09 de maio de 1993; Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil, em 20 de outubro de 1994, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil, em 06 de dezembro de 1994; Universidade de Estocolmo, Suécia, em 29 de setembro de 1995 (entregue na PUC-SP, em 17 de outubro de 1995) e Universidade Federal de Alagoas, Brasil, em 25 de janeiro de 1996. Universidade de San Luis, Argentina, 1996. Em homenagem aos que lutaram contra a opressão, a artista sueca Pye Engström o esculpiu, em 1972, em pedra, ao lado de Pablo Neruda, Angela Davis, Mao Tsé-Tung, Sara Lidman, Elise Ottosson-Jense e Georg Borgström. A escultura está em uma praça de Estocolmo, na Suécia. (Acervo Nita Freire, 2013). Para além desses títulos, foram criados Institutos de Estudos de Paulo Freire e Cátedras que levam seu nome em muitos países ao redor do mundo.

Por seus trabalhos na área educacional, recebeu, entre outros, os seguintes prêmios: Prêmio Rei Balduino para o Desenvolvimento (Bélgica, 1980); Prêmio UNESCO da Educação para a Paz (1986) e Prêmio Andres Bello da Organização dos Estados Americanos, como Educador dos Continentes (1992).

Sobre os títulos e honrarias que recebeu, Freire gostava de narrar um episódio ocorrido por ocasião do recebimento de seu primeiro título de Doutor *Honoris Causa*. Foi na Universidade Aberta de Londres (1973). Conta ele que estavam todos os futuros homenageados em uma sala de preparação para serem laureados. Um senhor corpulento e sessentão se dirigiu a Freire e indagou olhando-o de cima abaixo:

E o senhor quantos títulos *Honoris Causa* tem?

Freire respondeu: sou doutor em História e Filosofia da Educação pela Universidade do Recife. Este título *Honoris Causa* é o meu primeiro e talvez o único.

Universidade do Recife, onde fica isso?

No nordeste brasileiro. É a cidade onde nasci. Não conheço esse lugar! Sabe esse é meu terceiro título de Doutor *Honoris Causa*! Terceiro!!!

Enquanto proclamava isso, colocava sua indumentária própria para as festividades acadêmicas. Freire reagiu com simplicidade: Parabéns. (FREIRE, 2013, p. 219).

Seu envolvimento com a alfabetização de adultos pobres, inevitavelmente, o levou a despertar desconfiança em um primeiro momento e muito ódio em seguida. Sua proposta política de educação ia de encontro às propostas das elites e dos governos da época. Tal contexto o levou a todo tipo de tentativa de difamação. Até de “traidor da pátria” foi chamado por muitos integrantes da elite rica do país. Teve importante militância política, fazendo parte da primeira diretoria executiva da Fundação Wilson Pinheiro. Foi Secretário de Educação (1989-1992) da Prefeitura da cidade de São Paulo na Gestão da prefeita Luiza Erundina. Com o golpe militar de 1964, Paulo Freire foi preso por 70 dias em um quartel do Exército em Recife. Durante esta prisão, aconteceram fatos pitorescos e que Freire gostava de narrar em suas conferências como forma de não ficar amargurado em excesso com as adversidades pelas quais passou. Freire era bem-humorado e gostava de uma longa e calma conversa.

Pode-se dizer que Paulo Freire fez legítima a máxima de que morremos como vivemos. Viveu e morreu cheio de amorosidade com sua gente e de indignação com as injustiças e “malvadezas” dos poderosos e dos tiranos. Foi um semeador de bonitezas por onde passou. Freire fez legítima a máxima do poeta latino-americano, o mexicano Octávio Paz (1914-1998), quando esse afirmava que: “Se morrestes de forma diferente daquela que viveu, é sinal que não foi tua a vida que vivestes”.

De uma forma espontânea Freire conseguiu fazer o que sempre dizia que todo educar devia buscar: a corporeificação das palavras pelos exemplos.

Era madrugada do dia 2 de maio de 1997, às cinco e meia da manhã, quando sua passagem foi registrada no leito hospitalar onde estava internado.

### *2.1 Passaporte: Pedagogia do Oprimido*

Se nada ficar dessas páginas, algo, pelo menos, esperamos que permaneça: nossa esperança no povo. Nossa fé nos homens e na criação de um mundo onde seja um pouco “menos difícil amar” (FREIRE, 2016, p. 284).

Não começaremos nossa reflexão sobre o legado internacional de Paulo Freire por um país onde atuou. Optamos por começar por aquela que, talvez, tenha sido a obra que mais espaços abriu para suas ideias e proposições em busca da construção de uma educação menos bancária e mais libertadora. Referimo-nos ao clássico *Pedagogia do Oprimido* que no Brasil encontra-se na 60ª edição

(FREIRE, 2016), comemorativa aos 50 anos, cujos manuscritos foram concluídos no Chile em 1968, mas que teve sua primeira publicação em língua inglesa no ano de 1970 e na cidade de Nova York. Logo a seguir, *Pedagogia do Oprimido* foi traduzida para o espanhol, o italiano, o alemão, o sueco e o holandês. Somente no ano de 1975 saiu a primeira edição brasileira pela editora Paz e Terra (BEISIEGEL, 2016).

Pensamos que, sem diminuir a importância do conjunto da vasta obra freireana, foi *Pedagogia do Oprimido* que abriu as portas das universidades e das escolas, bem como os olhos dos(as) educadores e educadoras do mundo para as ideias desse educador e cidadão brasileiro e latino-americano. O próprio Paulo Freire, em *Pedagogia do Oprimido*, faz referência a escritos anteriores seus que foram fundamentais, que foram decisivos para a construção e consolidação desta sua obra. Um deles, em particular, é citado por Freire como um precursor: trata-se de *Educação como Prática da Liberdade* (Chile, 1965) (FREIRE, 1981). De outra forma, esse livro teve grande influência de sua Tese de Doutorado, intitulada: *Educação e Atualidade Brasileira*, apresentada na Universidade Federal do Recife (1959).

Com certeza antes de Freire chegar, pessoalmente, em muitos países lá já estava o livro *Pedagogia do Oprimido* sendo estudado, sendo referenciado<sup>2</sup>, enfim, servindo de fonte para acalorados debates tanto na academia quanto fora dela nos movimentos sociais progressistas.

Pode parecer paradoxal que a publicação de *Pedagogia do Oprimido*, tenha ocorrido pela primeira vez, justo nos Estados Unidos da América do Norte um país de tantas contradições e de uma história marcada pelas políticas racistas, particularmente quanto aos direitos civis dos negros. O professor e pesquisador da obra freireana Celso de Rui Beisiegel, ao prefaciar a 60<sup>a</sup> edição do *Pedagogia do Oprimido* (2016) escreve que a publicação dessa obra funcionou como um “passaporte<sup>3</sup>” para a entrada das ideias de Paulo Freire nos Estados Unidos e daí para o mundo. Vejamos um pouco como isso aconteceu.

A essa época, os Estados Unidos passavam por uma intensa agitação política e intelectual. O contexto era o final da década de 1960 e início dos anos 1970. A dita Guerra Fria entre Estados Unidos e a então União Soviética se fazia muito presente. Aliado a isso, as consequências e os desdobramentos da participação dos Estados Unidos na guerra do Vietnã (1959-1975)<sup>4</sup> estavam em plena contestação, principalmente por parte dos jovens, dos estudantes e de setores progressistas da sociedade norte-americana.

Após o golpe militar de 1964, com o endurecimento da ditadura civil militar, e após ser perseguido e preso, Freire foi forçado a sair do Brasil. Foi para a Bolívia, onde permaneceu por poucos meses (outubro e novembro) em função do golpe militar que nesse país também aconteceu. Assim como outros exilados, embarcou para o Chile onde

<sup>2</sup> *Pedagogia do Oprimido* é, sem dúvida, a obra freireana mais citada no exterior.

<sup>3</sup> Tomaremos essa metáfora de “passaporte” de empréstimo para designar subtítulos desse artigo.

<sup>4</sup> A guerra que ficou conhecida como a Guerra do Vietnã foi um conflito bélico que se iniciou no ano de 1959 e se arrastou até o ano de 1975. Os números indicam que morreram nela cerca de um milhão e meio de pessoas e que deixou outro tanto de mutilados. As batalhas ocorreram nos territórios do Vietnã do Norte, Vietnã do Sul, Laos e Camboja. Esta guerra também foi colocada por muitos pesquisadores como inserida no contexto geopolítico e histórico da Guerra Fria.



começou a trabalhar no Instituto de Desarrollo Agropecuario (INDAP) a convite do economista Jacques Chonchol. Posteriormente, foi contratado pela Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação (FAO). Nesta passagem pelo Chile, escreveu um importante livro: *Educação como Prática da Liberdade*. Após o lançamento do livro, e que foi muito bem recebido, Freire foi convidado para ser professor na prestigiosa Universidade de Harvard (1969). Nesse período de um ano, teve intensa atividade como palestrante em várias universidades norte-americanas e recebeu muitos convites para conhecer escolas nos Estados Unidos. Freire conta que nessas visitas pode perceber algo que lhe tocou profundamente. Nas suas palavras:

Em minhas andanças e visitas nos diferentes centros que mantinham em áreas de Nova York, pude comprovar, revendo, comportamentos que expressavam as “manhas” necessárias dos oprimidos. Vi e ouvi coisas em Nova York que eram “traduções” não apenas linguísticas, naturalmente, mas, sobretudo, emocionais de muito do que ouvira no Brasil e mais recentemente estava ouvindo no Chile”. (FREIRE, 2003, p. 55).

Paulo Freire percebeu, então, que algumas situações vividas pelos trabalhadores e trabalhadoras de uma das maiores economias do mundo e a maior potência bélica do planeta, eram muito semelhantes ao que acontecia com as camadas populares do seu país, o Brasil. Percebeu que as maneiras e a “roupagem”, bem como os conteúdos, eram idênticos. Freire, entre tantas habilidades e sensibilidades que tinha, uma era exemplar: a capacidade de aprender com homens e mulheres com os quais convivia. Freire fazia de suas convivências verdadeiras experiências sobre o ser humano que somos.

Freire foi um admirador e um incansável defensor das diferenças entre os seres humanos. Sempre fazia questão de observar as características das pessoas nos diferentes recantos do mundo por onde passava. Registrava isso em seus diários e depois transportava para seus livros acadêmicos. Conta Freire uma bela história sobre essa diversidade de culturas com as quais conviveu e como somos, às vezes, surpreendidos por nós mesmos. Assim narra Freire (2003, p. 76):

Após uma conferência no Chile, saímos eu e um amigo professor chileno a passear pela rua em direção ao hotel em que eu estava hospedado. Era uma bela tarde de sol agradável. Íamos conversando e eu, tranquilamente, abracei o professor chileno e continuamos pela calçada. Contudo, comecei a sentir um certo desconforto de parte do professor, um certo mal-estar. Perguntei o que estava

acontecendo e ele respondeu: “Paulo me desculpa mas aqui no Chile não fica nada bem as pessoas verem dois homens andando pela rua abraçados.

Freire conta que ficou muito admirado com o fato, pois no Brasil isso era uma coisa comum. Pensou com seus botões: “Que mundo é este em que dois amigos não podem andar na rua abraçados” (FREIRE, 2003, p. 76).

Passaram-se alguns anos e Paulo Freire estava em um país africano em uma missão de trabalho de alfabetização de adultos. Após uma manhã de trabalho, saíram para o intervalo do almoço. Andavam pela rua quando o professor africano, que o acompanhava pegou na sua mão e seguiram uma conversa bem animada. Contudo, Freire um pouco sem jeito falou para o professor: “Amigo, me desculpa, mas acho que não fica bem dois homens andando de mãos dadas pela rua, imagina se algum brasileiro passa por nós... O que ele não vai ficar pensando?” O professor africano admirado respondeu de pronto: “Mas Freire, aqui na África é a coisa mais normal do mundo dois amigos andarem de mãos dadas na rua” (FREIRE, 2003, p. 76).

Freire, imediatamente, lembrou-se da situação semelhante ocorrida no Chile. Conta Freire que teve uma das grandes lições de sua vida sobre as diferentes culturas do mundo e como somos por estas influenciados. Sempre que contava essa história ele ria muito.

## 2.2 Passaporte: Genebra – IDAC

Quem perde as raízes perde a identidade.  
Não é possível ensinar sem aprender (FREIRE, 1980, p. 11).

Após permanecer por cerca um ano na Universidade de Harvard, período em que foi convidado para conhecer e palestrar em várias universidades e escolas, seguiu para Genebra na Suíça. Lá trabalhou como consultor educacional do Conselho Mundial das Igrejas. Participou da fundação e trabalhou junto ao Instituto de Ação Cultural (IDAC), um centro de referência criado em Genebra, na Suíça, por um grupo de brasileiros que, por estarem exilados seus caminhos, se cruzaram naquele país<sup>5</sup>. Este órgão – IDAC – realizava pesquisas e intervenções pedagógicas em vários países. É deste período, também, sua intensa atuação em ex-colônias portuguesas no continente africano, como: Guiné-Bissau e Moçambique.

A participação de Freire no IDAC foi muito intensa e lhe permitiu tanto ampliar os horizontes de sua obra quanto lhe propiciou contatar educadores e educadoras progressistas de várias regiões do mundo. Nas palavras de Freire, percebe-se a importância dessa atuação para ele e para muitos outros exilados de então. Assim Freire registra a importância dessa participação no livro *Vivendo e Aprendendo*:

5 Além de Paulo Freire, participaram da criação do IDAC: Miguel Rosiska; Darcy de Oliveira e Claudius Ceccon.

Durante esses dez anos corremos o mundo e participamos de experiências educativas nos contextos socioculturais mais diversos, desde a alfabetização em jovens e adultos africanos até a ação cultural no contexto do movimento feminista europeu[...]. Do ponto de vista mais pessoal, enquanto brasileiros exilados de seu país, o nascimento do IDAC foi, acima de tudo, uma tentativa de não perder a identidade, de dar um sentido ao exílio [...]. Ele foi a plataforma que nos permitiu trabalhar sua marcha. Ele foi a plataforma que nos permitiu trabalhar em outros contextos, aprendendo deles e nos preparando para o dia em que, voltando ao Brasil, reajustássemos este aprendizado à nova realidade brasileira. (FREIRE, 1980, p. 10).

Coincide com esse período a chegada do livro *Pedagogia do Oprimido* nos países europeus. A obra foi traduzida para o espanhol, o italiano, o sueco. Freire ressalta que essa obra repercutiu intensamente em dois grupos europeus: (1) junto a educadores(as) descontentes e desencantados(as) com a escola e (2) junto a grupos sociais de movimentos que tentavam construir contextos educativos capazes de produzir conhecimentos e valores novos. Foram intensas as atividades de Paulo Freire em países como Suíça, Itália, Guiné-Bissau e outros.

Para além das intervenções acadêmicas e de formação de grupos de educadores e educadoras em escolas, o trabalho no IDAC teve marcante intervenção nos movimentos sociais. Tal experiência serviu, segundo Freire, para trazer energias novas e propostas inovadoras no sentido buscar de reinventar a educação tão marcada pelos formalismos e burocratização das instituições escolares. São citadas por Freire três experiências muito relevantes para os educadores do IDAC<sup>6</sup>:

- (1) A experiência de educação operária no quadro do movimento sindical na Itália de 1972 a 1974;
- (2) A experiência de educação com mulheres, dentro do quadro do movimento feminista, na Suíça, de 1973 até 1982;
- (3) A experiência de reestruturação das escolas e de alfabetização de adultos, dentro do quadro do movimento de libertação no poder, na Guiné-Bissau, de 1976 a 1979.

A importância dessa experiência no IDAC, na vida de educadores (as) de várias regiões foi marcante, particularmente, quando de seus retornos aos países de origem. Os(as) participantes encerram seus relatos defendendo uma proposta de educação que não se restrinja ao monopólio das instituições escolares e de seus professores e professoras, mas, sim, que tenha uma atividade permanente junto aos membros das comunidades em que as escolas estão inseridas e que, são – ou deveriam ser –, ao fim e ao cabo, o

6 O conjunto das demais experiências do IDAC em educação nos seus dez anos de existência estão descritas no livro *Vivendo e aprendendo – experiências do IDAC em educação popular*. Editora Brasiliense, 1980). Esta obra tem como logomarca, em sua capa, uma laranja cortada ao meio. Seriam, segundo os(as) autores(as), as duas metades da laranja do IDAC: *vivendo e aprendendo*.

motivo de sua existência. Encerram seus relatos propondo: “Uma educação que permita, vivendo e aprendendo, saber por que se vive e por que se aprende” (FREIRE *et al.* 1980, p. 127).

### 2.3 Passaporte: Argentina – último *Honoris Causa*

*Tengo horror a la falsa modestia. Para mí, la falsa modestia es peor que la modestia* (FREIRE, 2003, p. 24).

Esta epígrafe faz parte do discurso de agradecimento proferido por Paulo Freire ao receber o título de *Doctor Honoris Causa* pela Universidad de San Luis, Argentina, no ano de 1996. Foi seu último título desse tipo recebido em vida. Segundo suas próprias palavras, sua saúde vinha se debilitando já há alguns anos. Assim, de forma humorada e espirituosa, fez questão de registrar, na ocasião, essa condição:

*Estoy a mis 75 años con alguna dificultad desde el punto de vista Del cuerpo. Estoy atravesando una especie de desacople Del cuerpo y la mente, como si mi mente tuviera 25 años y el cuerpo 75, y sé por anticipado que el cuerpo no podrá acompañar a la mente.* (FREIRE, 2003, p. 25).

Freire tinha o hábito de ler e escrever muito à noite. Por vezes, avançava a madrugada fazendo isso. Conta que essa era, para ele, uma das coisas que cada vez mais a saúde fragilizada estava o impedindo de fazer. A passagem de Paulo Freire pela a Universidad de San Luis, as três Aulas Magnas que proferiu, o discurso de agradecimento pelo recebimento do título, bem como um capítulo onde constam as perguntas dos participantes dos Seminários coordenados por Freire nessa ocasião, resultaram em uma publicação intitulada *El Grito Manso*, da Editora Siglo Veinteuno, Buenos Aires, no ano de 2003.

Ao cumprimentar Paulo Freire na cerimônia de recebimento do título *Honoris Causa*, o professor da Universidad de San Luis Roberto Iglesias define Freire como o intelectual que nos tempos sombrios das ditaduras que se instalaram na América Latina nas décadas de 1960 e 1970, foi como que um alento, um refúgio prazeroso; enfim, ele se constituiu em um apoio fundamental para a resistência de milhares de educadores(as) latino-americanos(as). Iglesias ressalta a forma como Freire sempre procurou colocar em diálogo os diferentes setores que, de uma forma ou de outra, tinham como objetivo fazer avançar a educação como movimento de resistência em direção à autonomia e à liberdade das pessoas. Assim, ele se manifesta em relação a Freire como um intelectual que sempre buscou o diálogo fraterno e generoso:

*Hay gente que trabaja en lós Barrios y odia ló acadêmico, y gente que trabaja em ló acadêmico e deprecia ló barrial. Éste es outro punto adilucidar. Nosotros creemos que tenemos que aprovechar ló acadêmico para entender lo popular y a la inversa. Hay una grande cantidad de cuestiones comunes que trabajamos muchas vezes sino poder coletivizarlas. Por exemplo, la relación existente entre lo político-pedagógico y lo artístico. (IGLESIAS, 2003, p. 12).*

Uma prova da repercussão e importância das ideias de Paulo Freire na Argentina, para além da academia, é dada por Iglesias ao ressaltar a influência dos *Círculos de Cultura*, criados por Freire no Brasil<sup>7</sup>, para os educadores e as educadoras populares, bem como para a organização dos movimentos sociais em suas lutas políticas de resistência. Assim Iglesias (2003, p. 13) encerra o Prefácio do livro *El Grito Manso*: “Paulo Freire no fue; sigue siendo... Ojalá que algún día nuestra palabra y nuestra militancia se parescan a las suyas”.

Curiosamente essa obra, *El Grito Manso*, tão generosa com o legado de Paulo Freire na Argentina, ainda não teve sua tradução para a língua portuguesa no Brasil. Ao lê-la podemos perceber, entre outras coisas, como Freire era grato a seus educandos e suas educandas brasileiros. Freire tinha um especial carinho pelos(as) educandos(as) com quem conviveu no Brasil, bem como com seus colegas professores(as) e educadores(as) dos movimentos sociais. As pessoas que assistiram Freire em suas conferências e mesmo em aulas que ministrou, fora do Brasil, são unânimes em constatar esse carinho e essa generosidade na prática freireana.

#### 2.4 Passaporte: Paulo Freire Educador do mundo

*Paulo Freire pasó la vida como un andariego de lo obvio, um lebertario en busca de la estrella azulada que navega en la Nada. (PASSETTI, 2018, p. 142).*

Julgarmos ser impróprio dar uma pausa nesse texto, sobre o legado de Paulo Freire fora do Brasil, sem fazer uma reflexão (mesmo que breve) sobre a influência e a importância das propostas freireanas para uma das temáticas mais candentes e dramáticas da educação, particularmente, nos países fora do bloco dos considerados “países desenvolvidos”. Referimo-nos à Educação de Jovens e Adultos. Não por acaso, Freire teve uma importância tão grande para a estruturação e implementação de projetos de Educação de Jovens e Adultos em países do continente africano.

Freire foi uma referência fundamental para projetos de Educação de Jovens e Adultos a partir de uma alfabe-

<sup>7</sup> Foram criados cerca de 3.000 *Círculos de Cultura* pelo Brasil afora, em um curto período de cerca de três anos.

tização que respeitasse, sincera e generosamente, as culturas e os contextos dos(as) educados e educandas. Certamente que o método de alfabetização de adultos pensado e construído por Freire foi algo realmente revolucionário em seus resultados e, mais ainda, levando-se em conta o que se tinha à época como visão sobre a Educação dos Jovens e Adultos no Brasil e na América latina. Em *Política e Educação*, Paulo Freire (1993) situa a Educação de Jovens e Adultos no campo político da Educação Popular. Para ele, tanto crianças como adultos se envolvem nos processos e nas práticas educativas de alfabetização lançando mão das palavras e dos saberes que tem ao seu alcance cotidiano e, fazem isso: “Com palavras grávidas de mundo. Palavras e temas” (FREIRE, 1993, p. 27). Para Freire, a Educação de Jovens e Adultos se move no sentido da Educação Popular, particularmente na América Latina, no Brasil e no continente africano, à medida que

[...] a realidade começa a fazer algumas exigências à sensibilidade e à competência científica dos educadores e das educadoras. Uma destas exigências tem que ver com a compreensão crítica dos educadores do que vem ocorrendo na cotidianidade do meio popular. Não é possível a educadores e educadoras pensar apenas os procedimentos didáticos e os conteúdos a serem ensinados aos grupos populares. Os próprios conteúdos a serem ensinados não podem ser totalmente estranhos àquela comunidade. O que acontece, no meio popular, nas periferias das cidades, nos campos – trabalhadores urbanos e rurais reunindo-se para rezar ou para discutir seus direitos –, nada pode escapar à curiosidade arguta dos educadores envolvidos na prática da Educação Popular”. (FREIRE, 1993, p. 27).

Freire nunca escondeu sua preocupação, seu radical comprometimento com a Educação de Jovens e Adultos mesmo muitas décadas depois de deixar a distante Angicos, onde tudo começou. Freire não se cansava de alertar para uma obviedade que, com muita frequência, ficava esquecida pelas elites conservadoras que comandavam a educação nos países por onde passou, viveu, trabalhou. Nas palavras de Freire:

Lido com gente e não com coisas. E porque lido com gente, não posso, por mais que, inclusive, me de prazer entregar-me à reflexão teórica e crítica em torno da própria prática docente e discente, recusar minha atenção dedicada e amorosa à problemática mais pessoal deste ou daquele aluno ou aluna. Se não posso, de um lado, estimular os sonhos impossíveis, não devo, de outro, negar a quem sonha o direito de sonhar. Lido com gente e não com coisas. (FREIRE, 1993, p. 144).

É importante ressaltar a experiência internacional de Freire com a Educação de Jovens e Adultos na Itália via IDAC, no ano de 1973. Foi essa uma experiência realmente revolucionária construída junto com o movimento sindical progressista italiano<sup>8</sup> O movimento de direito ao estudo materializado nas *150 horas*, foi à forma do movimento sindical popular italiano reivindicar o direito a estudar e de acessar a cultura. Esse movimento se caracterizou, entre outras questões, por romper com a educação conservadora e elitista então imposta às classes populares italianas. A forma de decisão e de encaminhamentos das *150 horas* eram as assembleias populares. Nas palavras de Freire, Rosiska, Oliveira e Ceccon:

O objetivo dessas assembleias é o de clarificar e discutir o significado das 150 horas como direito ao estudo e o significado desta “volta” dos trabalhadores à escola. É o momento, sobretudo de um debate entre os quadros sindicais e os trabalhadores, visando a deixar claro que a conquista das 150 horas nasce das lutas na fábrica e da contestação de uma determinada organização do trabalho e não da vontade de recuperar, com a permissão do patrão, o atraso escolar ou de obter novas qualificações profissionais, com o dinheiro do patrão, para ascender individualmente ou melhorar o rendimento da força de trabalho. (FREIRE *et al.*, 1980, p. 24).

Para Freire o processo educativo não pode jamais limitar-se a métodos e a processos técnicos, por mais que esses componentes façam parte e sejam importantes ao processo educativo. Contudo, pautar-se, excessivamente, nos métodos e nas técnicas seria retirar da educação aquilo que ela tem de mais generoso: a solidariedade e a cooperação entre homens e mulheres no e com o mundo. Solidariedade e cooperação: essas duas atitudes foram lembradas pelo presidente da Tanzânia, Sr. Julius Kambarage Nyerere, na sua conferência de abertura da Conferência Internacional de Educação de Jovens e Adultos que se realizou em seu país. Para o presidente da Tanzânia, anfitrião do encontro: “*Hacer las cosas significa cooperar con otros*”. Dando continuidade à sua recepção aos congressistas, o presidente afirma, enfaticamente, que: “*Solo el hombre libre puede desarrollarse*” (NYERERE, 1996 *apud* BARCELOS, 2018, p. 126).

Mas o que é desenvolver-se – desenvolver-se – pode estar se perguntado o(a) leitor(a)? Em nosso entendimento, e a partir do que propõe Freire, o termo desenvolvimento é por demais polissêmico e polêmico. Uma das formas de evitar cair-se na armadilha conservadora e colonialista de classificar os países como desenvolvidos e subdesenvolvidos, conforme parâmetros meramente econômicos, é deixar que cada homem e mulher decidam por si próprios o que entendem por desenvolvimento. No entanto, consi-

8 Essa experiência no campo da Educação de Jovens e Adultos que ficou conhecida como *às 150 horas*. Essa experiência se caracterizou por acontecer a margem da educação escolar formal. Foi uma iniciativa do movimento sindical italiano apoiada por educadores progressistas, entre os quais se encontrava Paulo Freire via sua atuação no IDAC

9 Citação de trecho do artigo “Educación de Adultos y Desarrollo”, de Julius Kambarage Nyerere. *In*: EZEQUIEL, Ander-Egg. (Org.). **La Educación de Adultos como organización para el desarrollo social**. Argentina: Magistério del Rio de La Plata, 1996.

deramos essencial que homens e mulheres, em diálogo nas suas comunidades, decidam o que é para si e para seus parceiros desenvolver-se. O que é, enfim, desenvolvimento.

Ou fazemos isto ou não estaríamos respeitando o princípio básico de que nada pode ser feito para o desenvolvimento do ser humano que não seja decidido pela sua própria escolha. Há que não esquecer que cada homem e que cada mulher podem desenvolver a si mesmos. Jamais um homem ou uma mulher poderá ser realmente livre, se depender, da ação de outros homens e de outras mulheres para lhe dizer quais escolhas deve fazer.

### 3 Considerações finais

Chegado o momento de darmos uma pausa nesse texto, queremos convidar os(as) possíveis leitores e leitoras a uma reflexão sobre o legado freireano no Brasil e fora dele com humildade, atributo tão caro a Freire, tanto que em várias ocasiões se rebelava com a falsa modéstia de alguns o que nada mais era, para ele, que uma forma de esconderem seu egoísmo e parecer ser, muito mais do que realmente eram. Freire, inclusive, cunhou uma expressão para dizer disso: era o que ele defendia como a necessidade de corporeificarmos as palavras pelos nossos exemplos. Além do que, humildade, para Freire, era algo que tinha que ver com *Hummus*, do latim: aquilo que é fértil, aquilo que é capaz de gerar vida.

Paulo Reglus Neves Freire foi, antes de tudo, um gerador de utopias, de sonhos, de amor pela humanidade, enfim, um gerador de esperança. E, sem esquecer que esperança, para Freire, era do verbo esperar. Que tem que ver com ir atrás daquilo que se quer, daquilo em que se acredita. Esperançar é uma ação; diferentemente de espera, que tem que a ver com passividade, com ficar esperando que as coisas aconteçam. Nesse sentido, esperança é vista como a possibilidade humana radical de educar-se pelo inacabamento. Este inacabamento do humano é um inacabamento muito especial. Todo ser vivo é inacabado. Contudo, a diferença, reside no fato de que eu sei que sou inacabado, enquanto um beija-flor ou um leão não têm essa compreensão – talvez porque dela não precise. Como ensinava Freire (2003, p. 30): “*Yo soy inacabado, La arbol también lo és, pero yo soy mas incabado por que lo se*”. Gostamos muito da expressão usada por Freire quando diz que o educador deve ser um eterno buscador.

Neste sentido, esperança e busca, caminham juntas no ato de educar para a liberdade, para a democracia, para a solidariedade e para a cooperação. Freire não se cansava de alertar, a educadores e educadoras, para o fato de que não podem, nunca, deixarem de se entregar a uma prática pedagógica que se alicerce no “Sonho por um mundo menos malvado, menos feio, menos autoritário, mais democrático, mais humano”. (FREIRE, 1993, p. 30).



Para concluir, com esperança, queremos afirmar que um país que tem na sua história e que legou ao mundo um educador como Paulo Freire não pode, jamais, *desesperançar*, por mais idiotices, imbecilidades e bizarrices que surjam, por exemplo, ideias de “escolas sem partido”.

Saudações freireanas e esperançosas!

## Referências

BARCELOS, Valdo. Educação de Jovens e Adultos em privação de liberdade: escutando vozes silenciadas. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 27, n. 2, p. 112-129, mai./ago. 2019.

BEISIEGEL, Celso de Rui. Prefácio. *In*: FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 60. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016. p. 13-24.

FREIRE, Ana Maria Araújo. **Nita Freire e Paulo Freire** – nós Dois (Crônicas, Fotografias e Cartas de amor). São Paulo: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, Paulo. **Política e Educação**. São Paulo: Cortez, 1993.

FREIRE, Paulo. **El Gripe Manso**. Buenos Aires: Siglo Vienteuno, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 60. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

FREIRE, Paulo; ROSISKA, Miguel; OLIVEIRA, Miguel Darcy de; CECCHON, Claudius. **Vivendo e aprendendo** – experiências do IDAC em educação popular. São Paulo: Editora Brasiliense, 1980.

FIORI, Ernani Maria. Aprender a dizer sua palavra (Prefácio). *In*: FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016. p. 34.

IGLESIAS, Roberto. Prefácio. *In*: FREIRE, Paulo. **El Gripe Manso**. Buenos Aires: Siglo. Vienteuno, 2003. p. 12-13.

PASSETTI, Edson. **La voz Del maestro**. Acerca de vivir, enseñar y transformar el mundo. Conversaciones con Edson Passetti. Buenos Aires: siglo veintiuno, 2018.

Recebido em: 30/04/2019

Aprovado em: 09/10/2019

Publicado em: 20/12/2019